



Contando histórias

Os americanos optam por consumir menos de 0,25% dos alimentos comestíveis conhecidos no planeta.

Os frutos das árvores genealógicas

QUANDO EU ERA PEQUENO, passava com frequência o fim de semana na casa da minha avó. Quando chegava, na noite de sexta-feira, ela me levantava do chão com um de seus abraços asfixiantes. E quando ia embora, na tarde de domingo, era outra vez erguido nos ares. Só anos mais tarde, me dei conta de que ela estava me pesando.

Minha avó sobreviveu à guerra descalça, recolhendo o que as outras pessoas não comiam: batatas podres, sobras refugadas de carne, pele, os pedaços que ficavam grudados aos ossos e os caroços. Por isso, ela nunca se preocupava se eu coloria fora das linhas, contanto que cortasse os cupons de desconto nas linhas pontilhadas. E bufês de hotel: enquanto o restante de nós construía bezerros de ouro com o café da manhã, ela fazia sanduíches e mais sanduíches que embrulhava em guardanapos e guardava na bolsa para a hora do almoço. Foi minha avó quem me ensinou que um saquinho de chá dá para tantas xícaras quantas você estiver servindo e que todas as partes da maçã são comestíveis.

A questão não era o dinheiro. (Muitos daqueles cupons de desconto que eu recortava eram de comidas que ela nunca viria a comprar.) A questão não era a saúde. (Ela implorava que eu bebesse Coca-Cola.)

Minha avó nunca colocava um lugar para si mesma à mesa nos jantares em família. Mesmo quando não havia mais nada a fazer – nenhum prato de sopa para encher, nenhuma panela para mexer ou forno para verificar – ela ficava na cozinha, como um guarda vigilante (ou um prisioneiro) numa torre. Até onde eu sabia, o sustento que ela obtinha da comida que preparava não requeria que a comesse.

Nas florestas da Europa, ela comia para continuar viva até a próxima oportunidade de comer para continuar viva. Nos Estados Unidos, cinquenta anos mais tarde, nós comíamos o que nos agradava. Nossos armários estavam cheios de comida comprada por pura extravagância, comida de *gourmet*, mais cara do que o que valia de fato, comida de que não precisávamos. E, quando o prazo

de validade vencia, jogávamos fora sem cheirar. Comer era um ato despreocupado. Minha avó tornou essa vida possível para nós. Mas ela própria era incapaz de se livrar do desespero.

Enquanto crescíamos, meus irmãos e eu achávamos que nossa avó era a melhor *chef* que jamais existira. Recitávamos, literalmente, essas palavras quando a comida vinha para a mesa, e as repetíamos depois da primeira mordida, e, de novo, ao fim da refeição: “A senhora é a melhor *chef* que já existiu.” No entanto, éramos crianças com conhecimento suficiente do mundo para saber que era provável que a Melhor *Chef* que Já Existiu tivesse mais de uma receita (galinha com cenoura), e que a maioria das Melhores Receitas envolvesse mais do que dois ingredientes.

E por que não a questionávamos quando ela nos dizia que comidas escuras são, de modo inerente, mais saudáveis do que as claras, ou que a maioria dos nutrientes é encontrada nas cascas? (Os sanduíches daquelas estadas de fim de semana eram feitos com as pontas de pães de centeio que ela guardava.) Ela nos ensinou que animais maiores do que você são excelentes para a saúde, animais menores do que você são bons para a saúde, os peixes (que não são animais) também têm seu mérito, e em seguida vem o atum (que não é um peixe) e depois vegetais, frutas, bolos, biscoitos e refrigerantes. Não há comida que lhe faça mal. As gorduras são saudáveis – todas as gorduras, em qualquer quantidade. Os açúcares são muito saudáveis. Quanto mais gorda a criança for, mais saudável – sobretudo se for um menino. O almoço não é uma refeição, mas três, a serem feitas às onze, ao meio-dia e meia e às três da tarde. Você sempre estava morto de fome.

Na verdade, é provável que a galinha com cenoura que ela preparava fosse a coisa mais deliciosa que eu já havia comido. Mas isso tinha pouco a ver com o modo como era preparado, ou mesmo com o gosto que tinha. Sua comida era deliciosa porque nós achávamos que era deliciosa. Acreditávamos nos dotes culinários de nossa avó com maior fervor do que acreditávamos em Deus. Sua destreza culinária era uma das histórias básicas de nossa família,

como a astúcia do avô que nunca conheci, ou a única briga no casamento dos meus pais. Nós nos agarrávamos a essas histórias e dependíamos delas para nos definir. Éramos a família que escolhia suas batalhas com sabedoria, que usava o bom humor para sair de situações difíceis e adorava a comida da nossa matriarca.

Era uma vez uma pessoa cuja vida era tão boa que não havia histórias a contar a respeito. Mais histórias podiam ser contadas sobre minha avó do que sobre qualquer outra pessoa que eu jamais tenha conhecido – sua infância, que era como algo acontecido em outro mundo, a margem estreitíssima de sua sobrevivência, a integralidade de suas perdas, sua imigração e mais perdas, o triunfo e a tragédia de sua assimilação –, e, embora um dia eu vá tentar contá-las a meus filhos, quase nunca as contávamos uns aos outros. Também não a chamávamos por nenhum dos títulos óbvios e merecidos. Nós a chamávamos de a Melhor *Chef*.

Talvez suas outras histórias fossem difíceis demais para contar. Ou talvez ela escolhesse por conta própria sua história, querendo ser mais identificada por seu lado provedor do que por seu lado sobrevivente. Ou talvez sua sobrevivência esteja contida em seu lado provedor: a história de seu relacionamento com a comida inclui todas as outras histórias que poderiam ser contadas sobre ela. Comida, para ela, não é *comida*. É terror, dignidade, gratidão, vingança, alegria, humilhação, religião, história e, claro, amor. Como se os frutos que ela sempre nos ofereceu fossem colhidos dos galhos destruídos de nossa árvore genealógica.

Possível mais uma vez

IMPULSOS INESPERADOS ME SURPREENDERAM quando descobri que seria pai. Comecei a arrumar a casa, a substituir lâmpadas queimadas havia muito, a limpar janelas e arquivar papéis. Mandeï ajustar meus óculos, comprei uma dúzia de pares de meias brancas, instalei um novo *rack* no teto do carro e um “divisor de cães/bagagem” na mala, fiz o meu primeiro *check-up* em meia década... e decidi escrever um livro sobre comer animais.

A paternidade foi o ímpeto inicial para a viagem que se transformaria neste livro e para a qual estive fazendo as malas durante a maior parte da minha vida. Quando tinha dois anos, os heróis de todas as histórias contadas antes de dormir eram animais. Quando tinha quatro, cuidamos do cachorro de um vizinho durante o verão. Eu o chutei. Meu pai me disse que não chutamos os animais. Quando tinha sete, chorei a morte do meu peixinho dourado. Fiquei sabendo que meu pai o havia jogado no vaso e dado descarga. Disse a meu pai – com outras palavras, menos gentis – que não jogamos animais no vaso e damos descarga. Aos nove, tive uma babá que não queria machucar nada. Colocou as coisas nesses exatos termos, quando lhe perguntei por que ela não comia galinha com meu irmão mais velho e comigo:

- Não quero machucar nada.
- *Machucar* nada? – perguntei.
- Você sabe que galinha é galinha, não sabe?

Frank olhou para mim: *A mamãe e o papai confiaram os seus preciosos bebês a esta mulher estúpida?*

Suas intenções podem ou não ter sido converter-nos ao vegetarianismo – só porque conversas sobre carne tendem a fazer as pessoas se sentirem encurraladas, nem todos os vegetarianos são proselitistas –, mas, sendo uma adolescente, ela não tinha as restrições, sejam elas quais forem, que com tanta frequência impedem o relato completo dessa história em particular. Sem drama nem retórica, ela compartilhou o que sabia.

Meu irmão e eu nos entreolhamos, nossas bocas cheias de galinhas machucadas, e tivemos momentos simultâneos de *como-diabos-é-possível-que-eu-nunca-tenha-pensado-nisso-antes-e-por-que-motivo-ninguém-me-disse-nada?* Larguei o garfo. Frank terminou a refeição e provavelmente está comendo uma galinha enquanto eu digito estas palavras.

O que a nossa babá disse fez sentido para mim, não apenas porque parecia ser verdade, mas porque era a extensão à comida de tudo o que meus pais me haviam ensinado. Não machucamos membros da família. Não machucamos amigos nem estranhos.

Não machucamos nem sequer o estofamento da mobília. O fato de eu não ter pensado em incluir animais na lista não fazia deles uma exceção. Apenas fazia de mim uma criança, sem conhecimento do funcionamento do mundo. Até eu não ser mais. E, nesse ponto, tinha que mudar minha vida.

Até não mudar. Meu vegetarianismo, tão bombástico e rigoroso no começo, durou uns poucos anos, engasgou e depois morreu sem fazer alarde. Nunca pensei numa resposta ao código da nossa babá, mas encontrei maneiras de maculá-lo, diminuí-lo e esquecê-lo. De um modo geral, eu não machucava nada. De um modo geral, eu lutava para fazer a coisa certa. De um modo geral, minha consciência estava bastante limpa. Passe a galinha, estou *morrendo* de fome.

Mark Twain disse que parar de fumar era uma das coisas mais fáceis de se fazer; ele fazia isso o tempo todo. Eu acrescentaria o vegetarianismo à lista das coisas fáceis. Na escola, durante o ensino médio, me tornei vegetariano mais vezes do que consigo me lembrar agora; em geral, para reivindicar alguma identidade num mundo de pessoas cuja identidade parecia vir sem esforços. Queria um slogan para individualizar o para-choque do Volvo da minha mãe, uma causa pela qual eu pudesse vender uns bolos e preencher a inibida meia hora do intervalo na escola, uma oportunidade de chegar mais perto dos peitos das ativistas. (E continuava achando que era errado machucar os animais.) O que não significava que eu deixava de comer carne. Só deixava em público. Na esfera privada, o pêndulo oscilava. Muitos jantares, naqueles anos, começavam com a pergunta de meu pai:

– Alguma restrição alimentar de que eu precise estar a par esta noite?

Quando fui para a faculdade, comecei a comer carne de modo mais honesto. Sem “acreditar nisso” – o que quer que isso significasse –, mas empurrando resoluto as questões para fora da minha mente. Não sentia vontade de ter uma “identidade” naquele momento. E não estava perto de ninguém que me conhecesse como vegetariano, então não havia hipocrisia pública envolvida, nem

mesmo a necessidade de explicar uma mudança. Talvez tenha sido a prevalência do vegetarianismo no campus o que desencorajou o meu próprio – você se sente menos inclinado a dar um trocado a um músico que toca na rua quando o estójo do instrumento dele está transbordando de dinheiro.

Mas quando, no fim do meu segundo ano, comecei a me especializar em filosofia e passei a me dedicar a meu primeiro e pretenso ato de *pensar*, tornei-me vegetariano outra vez. O tipo de esquecimento intencional que eu tinha certeza de que o ato de comer carne requeria parecia paradoxal demais face à vida intelectual que eu estava tentando moldar. Achava que a vida podia, precisava e devia se conformar ao molde da razão. Dá para imaginar como isso me transformou numa pessoa chata.

Quando me graduei, voltei a comer carne – muita carne, e de todos os tipos – durante dois anos. Por quê? Porque era gostoso. E porque, mais importantes do que a razão para moldar hábitos, são as histórias que contamos a nós mesmos e uns aos outros. E eu contava uma história de perdão para mim mesmo.

Então, me arranjaram um encontro com a mulher que iria se tornar minha esposa. E umas poucas semanas mais tarde nos vimos falando sobre dois tópicos surpreendentes: casamento e vegetarianismo.

A história dela com a carne era parecida com a minha: havia coisas em que ela acreditava quando estava deitada na cama, à noite, e havia escolhas que ela fazia à mesa do café, na manhã seguinte. Havia um medo torturante (mesmo que ocasional e de curta duração) de estar participando de alguma coisa muito errada, e havia a aceitação tanto da complexidade atordoante da questão quanto da perdoável falibilidade do ser humano. Como as minhas, as intuições dela eram muito fortes, mas pelo visto não fortes o suficiente.

As pessoas se casam por diferentes motivos, mas um que animava a nossa decisão em dar esse passo era a perspectiva de marcar de modo explícito um novo começo. Os rituais e a simbologia judaicos encorajam bastante essa noção, marcando uma divisão nítida do que veio antes – o exemplo mais conhecido sendo a quebra do copo ao fim da cerimônia de casamento. As coisas eram

como antes, mas serão diferentes a partir de agora. Serão melhores. Nós seremos melhores.

A ideia é ótima e a sensação também, mas melhores como? Eu conseguia pensar em inúmeras maneiras de me tornar uma pessoa melhor (podia aprender línguas estrangeiras, ser mais paciente, dar mais duro no trabalho), mas já tinha feito votos semelhantes por vezes demais para acreditar neles de novo. Também conseguia pensar em inúmeras maneiras de “nos” tornarmos pessoas melhores, mas as coisas significativas nas quais podemos concordar e que podemos mudar num relacionamento são poucas. Na verdade, até mesmo nesses momentos em que tanta coisa parece possível, muito poucas são.

Comer animais, uma preocupação que ambos havíamos tido e esquecido, parecia um bom ponto de partida. Tantas coisas se cruzam aí, e outras tantas podem advir daí. Na mesma semana, ficamos noivos e nos tornamos vegetarianos.

Claro que nossa festa de casamento não foi vegetariana, porque nos persuadimos de que era justo oferecer proteína animal aos nossos convidados, alguns dos quais tinham viajado grandes distâncias para compartilhar nossa alegria. (Acha essa lógica difícil de acompanhar?) E comemos peixe na nossa lua de mel, mas estávamos no Japão, e quando no Japão... De volta, em nossa nova casa, de vez em quando comíamos hambúrgueres, sopa de galinha, salmão defumado e filés de atum. Mas só de vez em quando. Só quando sentíamos vontade.

E isso, pensei, era tudo. Achei que estava tudo bem. Supus que manteríamos uma dieta de consciente inconsistência. Por que a alimentação deveria ser diferente de qualquer outro âmbito ético em nossas vidas? Éramos pessoas honestas que, de vez em quando, contavam mentiras, amigos atenciosos que, de vez em quando, agiam de um modo meio desajeitado. Éramos vegetarianos que, de vez em quando, comiam carne.

Eu não conseguia nem mesmo acreditar com segurança que minhas emoções fossem algo mais do que vestígios sentimentais da minha infância – que, se eu tivesse que investigar com profundidade, não encontraria indiferença. Não sabia o que os animais

eram, nem remotamente como eram criados ou mortos. A situação toda me deixava desconfortável, o que não significava que mais alguém devesse se sentir do mesmo modo, ou sequer que eu deveria. E eu não sentia pressa nem necessidade alguma de esclarecer nada daquilo.

Mas então decidimos ter um filho, e essa era uma história diferente que precisaria de uma história diferente.

Cerca de meia hora depois que o meu filho nasceu, fui até a sala de espera dar as boas novas à família reunida.

- Você disse “ele”! Então, é um menino?
- Qual o nome dele?
- Com quem se parece?
- Conte tudo!

Respondi às perguntas o mais rápido que pude, depois fui para um canto e liguei o celular.

- Vó – disse. – Nasceu nosso bebê.

O único telefone dela fica na cozinha. Ela atendeu depois do primeiro toque, o que significava que estava sentada diante da mesa, esperando a ligação. Passava um pouco da meia-noite. Será que ela estava recortando cupons de desconto? Preparando frango com cenoura para congelar e outra pessoa comer numa refeição futura? Eu nunca a tinha visto chorar, mas as lágrimas estavam aparentes em sua voz quando ela perguntou:

- Quanto ele pesa?

Poucos dias depois de voltarmos do hospital para casa, mandei uma carta a um amigo, incluindo uma foto de meu filho e algumas primeiras impressões da paternidade. Ele respondeu apenas o seguinte: “Tudo é possível outra vez.” Eram as palavras perfeitas para se escrever, porque era exatamente essa a sensação. Podíamos recontar nossas histórias e transformá-las em algo melhor, mais representativas ou inspiradoras. Podíamos optar por contar histórias diferentes. O próprio mundo tinha outra oportunidade.

Comer animais

TALVEZ O PRIMEIRO DESEJO que meu filho tenha tido, sem palavras e antes da razão, tenha sido o desejo de comer. Segundos depois de nascer, ele estava mamando. Eu o observava com uma estupefação que não tinha precedentes em minha vida. Sem explicação ou experiência, ele sabia o que fazer. Milhões de anos de evolução lhe haviam imprimido sabedoria; da mesma forma, tinham codificado as batidas de seu pequenino coração, e a expansão e contração de seus pulmões agora secos.

A estupefação não tinha precedentes em minha vida, mas me unia, através de gerações, a tantos outros. Vi os anéis da minha árvore: meus pais me observando comer, minha avó observando minha mãe comer, meus bisavós observando minha avó... Ele comia do mesmo modo como as crianças dos pintores das cavernas.

Enquanto meu filho começava a sua vida e eu começava este livro, parecia que tudo girava em torno da alimentação. Ele estava mamando, ou dormindo depois de mamar, ou ficando chateado antes de mamar, ou se livrando do leite que havia mamado. Quando termino este livro, ele já consegue participar de conversas mais sofisticadas, e cada vez mais a comida que ingere é digerida com as histórias que contamos. Alimentar meu filho não é como me alimentar: tem mais importância. Tem importância porque a comida tem importância (sua saúde física tem importância, o prazer de comer tem importância) e porque as histórias servidas com a comida têm importância. Essas histórias unem nossa família e unem nossa família a outras. Histórias sobre comida são histórias sobre nós mesmos – nossa história de vida e nossos valores. Na tradição judaica da minha família, aprendi que a comida serve a dois propósitos paralelos: alimenta e o ajuda a lembrar. Comer e contar histórias são duas coisas inseparáveis – a água salgada também são lágrimas; o mel não apenas tem sabor doce mas faz com que pensemos em doçura; o *matzo* é o pão da nossa aflição.

Há milhares de alimentos no planeta, mas são necessárias algumas palavras para explicar por que comemos uma seleção relativamente pequena. Precisamos explicar que a salsa no prato é para decoração, que massas não são “comida de café da manhã”, por que comemos asas mas não olhos, vacas mas não cachorros. Histórias estabelecem narrativas e regras.

Em muitos momentos na minha vida, esqueci-me de que tenho histórias a contar sobre comida. Só comia o que estava disponível ou o que era saboroso, o que parecia natural, sensato ou saudável – o que havia para explicar? Mas o tipo de paternidade que eu sempre imaginei praticar abomina tamanha negligência.

Esta história não começou como um livro. Eu apenas queria saber – por mim mesmo e pela minha família – o que é a carne. Queria saber do modo mais concreto possível. De onde ela vem? Como é produzida? Como os animais são tratados e até que ponto isso importa? Quais são os efeitos econômicos, sociais e ambientais de se comer animais? Minha busca pessoal não continuou desse jeito por muito tempo. Por meus esforços de pai, me vi cara a cara com realidades que, como cidadão, não podia ignorar, e que, como escritor, não podia guardar só para mim. Mas encarar essas realidades e escrever de modo responsável sobre elas não são a mesma coisa.

Queria abordar essas questões de modo amplo. Então, apesar de 99 % dos animais comidos neste país virem de “propriedades rurais de criação industrial” – e vou passar boa parte do resto do livro explicando o que isso significa e por que importa –, o 1% restante da pecuária também é parte importante desta história. O trecho desproporcional ocupado no livro pela discussão das melhores pequenas propriedades familiares de criação de animais reflete o quanto eu acho que elas são significativas, mas, ao mesmo tempo, o quanto são insignificantes: elas comprovam a regra.

Para ser cem por cento honesto (e me arriscar a perder credibilidade na página seguinte), parti do pressuposto, quando comecei minha pesquisa, de que sabia o que iria encontrar – não os detalhes, mas o quadro geral. Outros fizeram a mesma suposição. Quase sempre, quando eu dizia a alguém que estava escreven-

do um livro sobre “comer animais”, todos presumiam, mesmo sem saber coisa alguma sobre minhas opiniões, que eu defendia o vegetarianismo. É uma suposição reveladora, uma suposição que implica não apenas que uma pesquisa extensa sobre a pecuária afastaria o pesquisador do consumo de carne, mas que a maioria das pessoas já sabe que é esse o caso. (Que suposições você fez ao ler o título deste livro?)

Também supus que meu livro sobre comer animais se tornaria uma defesa direta do vegetarianismo. Não se tornou. Uma defesa direta do vegetarianismo é algo que vale a pena ser escrito, mas não foi o que escrevi aqui.

A criação animal é um tópico muito complicado. Não há dois animais, raças de animais, propriedades rurais, proprietários ou consumidores iguais. Olhando para a montanha de pesquisa – leituras, entrevistas, procura das fontes originais – necessária para começar a pensar a sério em tudo isso, tive que me perguntar se seria possível dizer algo coerente e significativo sobre uma prática tão diversificada. Talvez não haja “carne”. Em vez disso, há *este* animal, criado *nesta* propriedade, abatido *neste* matadouro, vendido *desta* maneira, comido por *esta* pessoa – mas cada um deles distinto de um modo que impede que os coloquemos juntos, como um mosaico.

Comer animais é um desses tópicos, como o aborto, dos quais é impossível saber, em caráter definitivo, alguns dos detalhes mais importantes (Quando um feto se torna uma pessoa, em oposição a uma pessoa em potencial? Como é, na realidade, a experiência animal?) e que penetra em nossos mais profundos desconfortos, provocando com frequência uma atitude defensiva ou agressiva. É um tema escorregadio, frustrante e persistente. Cada pergunta incita a outra, e é fácil você se ver defendendo uma posição bem mais extrema do que achava que poderia seguir. Ou, pior do que isso, sem encontrar uma posição que valha a pena defender ou de acordo com a qual valha a pena viver.

Então, há a dificuldade de discernir entre a sensação causada por algo e como esse algo é de fato. Com demasiada frequência, os argumentos para comer animais não são argumentos, mas decla-

rações de gosto. E onde há informações – esta é a quantidade de porco que comemos; este é o número de manguezais que destruímos com a aquacultura; esta é a forma como se mata uma vaca – há a questão de o que podemos de fato fazer com elas. Deveriam ser constrangedoras num sentido ético? Legal? Comunitário? Ou apenas mais informações para cada um digerir como bem entender?

Se por um lado este livro é o produto de um imenso volume de pesquisa, e é objetivo como qualquer obra jornalística pode ser – usei as mais conservadoras estatísticas disponíveis (quase sempre do governo, e fontes acadêmicas e industriais com revisão científica) e contratei dois verificadores externos de informações para corroborá-las –, penso nele como uma história. Há dados suficientes em suas páginas, mas, em geral, eles são ralos e maleáveis. As informações são importantes, mas não fornecem, por si sós, significado – sobretudo quando estão tão atreladas a escolhas linguísticas. O que significa a dor medida com precisão nas galinhas? Significa dor? O que a dor significa? Não importa o quanto aprendamos sobre a fisiologia da dor – por quanto tempo ela persiste, os sintomas que produz e assim por diante – nada disso vai nos dizer algo definitivo. Mas coloque as informações numa história, uma história de compaixão ou dominação, ou talvez as duas coisas – coloque-as numa história sobre o mundo em que vivemos, quem somos e quem queremos ser – e você começa a falar de modo significativo sobre comer animais.

Somos feitos de histórias. Penso naquelas tardes de sábado à mesa da cozinha de minha avó, só nós dois – pão preto na torradeira reluzente, uma geladeira zumbindo baixinho e invisível por baixo de seu véu de fotos da família. Com pontas de pão de centeio e Coca-Cola, ela me contava de sua fuga da Europa, das comidas que teve que comer e das que não comeria. Era a história de sua vida. “Escute o que eu vou dizer”, ela conclamava, e eu sabia que uma lição vital estava sendo transmitida, mesmo que eu não soubesse, quando criança, que lição era essa.

Agora, sei qual era. E embora as particularidades não pudessem ser mais diferentes, estou tentando, e vou tentar, transmitir essa lição a meu filho. Este livro é minha tentativa mais honesta de

fazê-lo. Sinto uma imensa apreensão ao começar, porque há tanta repercussão. Deixando de lado, por um momento, os mais de dez bilhões de animais de criação abatidos para a alimentação todos os anos nos Estados Unidos, e deixando de lado o meio ambiente, os trabalhadores e questões diretamente relacionadas, como a fome no mundo, as epidemias de gripe e a biodiversidade, há ainda a questão de como pensamos em nós mesmos e uns nos outros. Não somos apenas aqueles que contam nossas histórias, somos as histórias em si. Se minha esposa e eu criarmos nosso filho como vegetariano, ele não vai comer o prato singular da avó, nunca vai receber aquela única e mais direta expressão de seu amor, talvez nunca venha a pensar nela como a Melhor *Chef* que Já Existiu.

As primeiras palavras de minha avó ao ver meu filho pela primeira vez foram “Minha vingança”. Do número infinito de palavras que ela poderia ter dito, foram essas as que escolheu, ou que foram escolhidas por ela.

Escute o que eu vou dizer:

— NÃO ÉRAMOS RICOS, MAS SEMPRE tivemos o suficiente. Às quintas-feiras, assávamos pão, *challah* e rosquinhas, que duravam a semana inteira. Às sextas-feiras, fritávamos panquecas. No Shabbat, sempre comíamos frango e sopa com macarrão. Você podia ir até o açougue e pedir um pouquinho mais de gordura. A peça com mais gordura era a melhor peça. Não era como hoje. Não tínhamos geladeira, mas tínhamos leite e queijo. Não tínhamos todos os tipos de vegetais, mas tínhamos o suficiente. As coisas que você tem aqui e considera garantidas... Mas éramos felizes. Não conhecíamos nada melhor. E também considerávamos garantido aquilo que tínhamos.

“Então, tudo mudou. Durante a guerra, foi o inferno na Terra; eu não tinha nada. Deixei minha família, sabe. Estava sempre correndo, dia e noite, porque os alemães estavam sempre atrás de mim. Se você parasse, morria. Nunca havia comida suficiente. Eu ficava cada vez mais doente por falta de comida, e não me refiro

só a ficar pele e osso. Tinha feridas pelo corpo todo. Ficou difícil me mexer. Não era muito bom comer restos das latas de lixo. Eu comia as partes que os outros não comiam. Se fizesse isso, podia sobreviver. Eu pegava tudo o que encontrasse. Comi coisas que não contaria a você.

“Até mesmo nos piores momentos, também havia pessoas boas. Alguém me ensinou a amarrar as bocas da calça para encher as pernas com todas as batatas que conseguisse roubar. Caminhava quilômetros e quilômetros assim, porque você nunca sabia quando voltaria a ter sorte. Alguém me deu um pouco de arroz uma vez, e viajei durante dois dias até um mercado e troquei por um pouco de sabão, depois caminhei até outro mercado e troquei o sabão por um pouco de feijão. Você precisava ter sorte e intuição.

“A pior parte foi perto do fim. Um monte de gente morreu bem no fim, e eu não sabia se ia conseguir sobreviver por mais um dia. Um fazendeiro, um russo, que Deus o abençoe, viu meu estado, correu até sua casa e voltou com um pedaço de carne para mim.”

- Ele salvou sua vida.
- Eu não comi.
- Não comeu?
- Era porco. Eu não ia comer porco.
- Por quê?
- Como assim, por quê?
- Porque não era kosher, é isso?
- Claro.
- Mas nem mesmo para salvar a sua vida?
- Se nada importa, não há nada a salvar.